

Cidade verde, cidade viva, cidade humana

Percepções sobre o verde urbano e qualidade de vida na cidade contemporânea

SESSÃO TEMÁTICA: DIREITO À PAISAGEM
CATEGORIA: ARTIGO ACADÊMICO CIENTÍFICO

Douglas Luciano Lopes Gallo/IFSP - Prof. Doutor/douglas.luciano@ifsp.edu.br
Ana Carolina Carmona-Ribeiro/IFSP - Profª. Doutora/ana.carmona@ifsp.edu.br

RESUMO

O artigo apresenta uma discussão sobre as relações entre verde urbano e qualidade de vida, enquanto aspectos da dimensão humana da cidade contemporânea. Com uma metodologia qualitativa procurou-se compreender as percepções e representações sociais acerca do papel dos espaços verdes urbanos na percepção da qualidade de vida na cidade de Curitiba/PR. Foi realizada análise de conteúdo da transcrição de 31 entrevistas semiestruturadas. Os espaços verdes qualificam a vida urbana e melhoram a qualidade de vida, promovendo saúde. Desta forma, o planejamento urbano deve ser pensado de forma integrada e integral, considerando a noção de paisagem como estruturante, para a constituição coletiva de um ecossistema mais saudável que considere a infraestrutura verde como organizadora e qualificadora do espaço, de forma multidimensional, participativa e humanizadora.

PALAVRAS-CHAVES: Cidade saudável; Direito à paisagem; Espaços verdes; Verde urbano; Humanização urbana.

ABSTRACT

This paper presents a discussion on the relationships between urban greenery and quality of life, as aspects of the human dimension of the contemporary city. Using a qualitative methodology, we sought to understand the perceptions and social representations regarding the role of urban green spaces in the perception of quality of life in the city of Curitiba/PR. Content analysis of the transcription of 31 semi-structured interviews was carried out. Green spaces enhance urban life and improve quality of life, promoting health. In this way, urban planning must be thought of in an integrated and integral way, considering the notion of landscape as a structure, for the collective constitution of a healthier ecosystem that considers green infrastructure as an organizer and qualifier of space, in a multidimensional, participatory and humanizing way.

KEYWORDS: Healthy city; Right to landscape; Green spaces; Urban greenery; Urban humanization.

1 INTRODUÇÃO

A importância de uma vida ativa para uma vida saudável e com qualidade é amplamente reconhecida na literatura (WHO, 2008; Kokkinos, 2012; Lima, Levy e Luiz, 2014; Warburton e Bredin, 2017). A presença de áreas de lazer, especialmente com uma cobertura vegetal qualificada, torna os espaços mais atrativos e melhora a qualidade de vida na cidade, pois proporciona a possibilidade de entrar em contato com a natureza, praticar atividades físicas, socializar e desconectar-se da correria cotidiana, melhorando a saúde física e mental (Takano, Nakamura e Watanabe, 2002; Maas et al, 2009).

A formação dos espaços verdes urbanos se mistura à própria formação das cidades, no que diz respeito aos aspectos morfológicos, históricos, socioeconômicos, estruturas de poder e relações sociais. Mais importantes do que a quantidade de área verde por habitante, a qualidade e a localização dessas áreas são fundamentais para a promoção da saúde e da



qualidade de vida urbana, sendo importante refletir sobre: a defasagem entre recursos e alocação das áreas; a relação com a densidade urbana; e os objetivos do espaço em si (Bolla e Vittadini, 2015). O que importa quando pensamos em humanização das cidades e promoção da saúde no espaço urbano é a presença dessas áreas nas proximidades das moradias, facilitando o acesso dos moradores e a sua disseminação pela cidade, proporcionando que as pessoas possam caminhar ou pedalar mais pelos caminhos urbanos.

As mudanças de significado das áreas verdes urbanas e suas implicações para o urbanismo e o planejamento territorial e ambiental trouxeram importância para o projeto e planejamento do verde urbano. Exige-se uma maior articulação com os diversos sistemas urbanos e a participação e envolvimento da população. Consequentemente, podemos perceber algumas mudanças estruturais: modificação do significado dos espaços abertos e sua salvaguarda; desenvolvimento de um novo conceito de agricultura urbana; desenvolvimento do conceito de cidade como uma rede ecológica e de sistemas de espaços livres. Surge, ainda, uma pluralidade de atores nessas discussões, constituindo-se uma ampla rede de recursos e experiências para se pensar o verde urbano (Padovani e Cattapan, 2015).

2 ESTRATÉGIA METODOLÓGICA

O objetivo do artigo é discutir as relações entre a presença de espaços verdes urbanos e a saúde urbana, enquanto qualidade de vida, procurando conhecer as percepções e representações sociais acerca da dimensão humana da cidade contemporânea. A estratégia metodológica adotada foi a qualitativa, enquanto caminho do pensamento e práxis para abordar a realidade complexa da natureza urbana. Enquanto pesquisa social apoiou-se em dados sociais trabalhando com o universo de significados, motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes dos sujeitos sociais (Minayo, 2002).

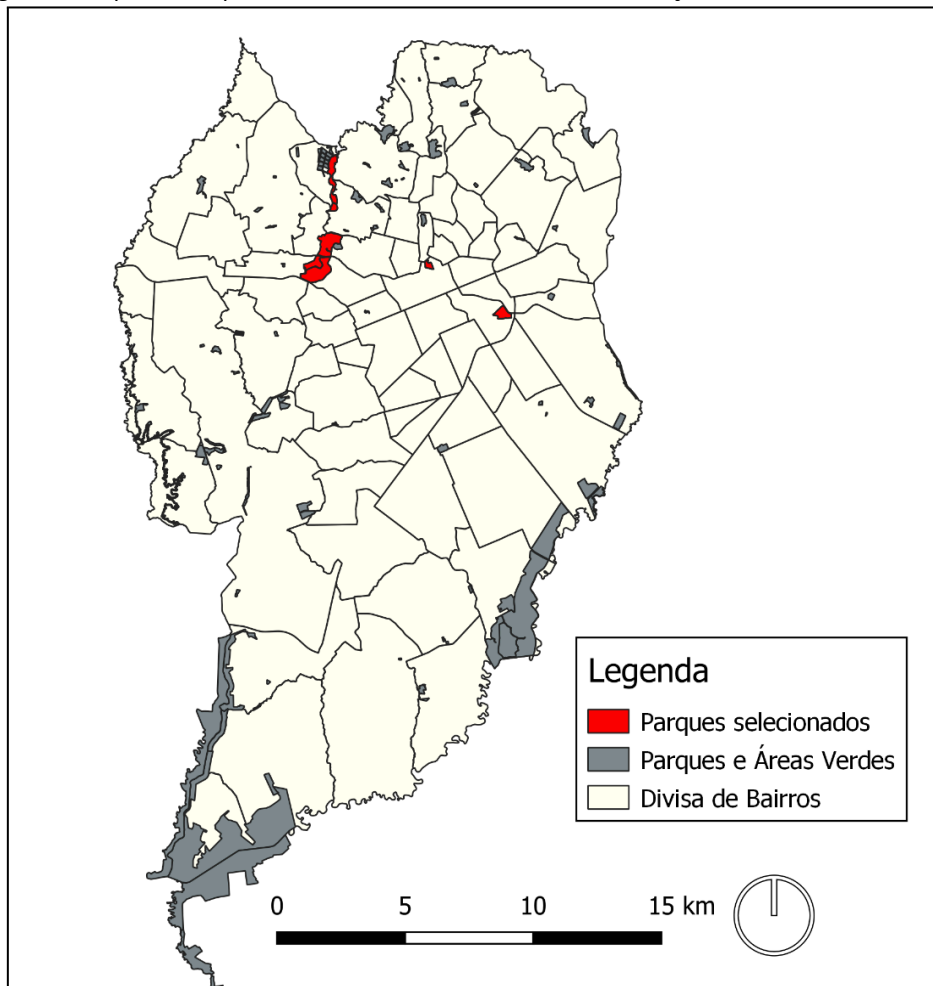
O presente trabalho é parte de uma tese de doutorado sobre a dimensão humana da cidade contemporânea, apresentando um recorte temático da categoria de análise “verde urbano e saúde”. O instrumento de coleta de dados foi a entrevista semiestruturada, sendo o *corpus* de pesquisa composto pela transcrição dos relatos orais de trinta e um entrevistados. Foi utilizada a análise de conteúdo de Bardin (2016), que consiste no tratamento dos dados de uma pesquisa qualitativa, fornecendo informações suplementares a uma comunicação, descrevendo sistematicamente o conteúdo manifesto e facilitando sua interpretação e inferência (Minayo, 2004). Esta análise foi auxiliada pelo software *webQDA*, a partir da qual procurou-se compreender as percepções e representações dos usuários de espaços verdes de lazer na cidade de Curitiba/PR (Figura 1). Para auxiliar na exposição dos resultados são apresentados excertos de falas dos entrevistados, ilustrando assim as análises. Estes excertos são seguidos de codificação, para garantir o anonimato dos informantes.

3 O VERDE URBANO QUALIFICANDO A VIDA NA CIDADE

Os espaços públicos externos, como parques, pequenas praças e outros espaços comunitários são importantes para a qualidade de vida urbana (Londe e Mendes, 2014; Larson, Jennings e Cloutier, 2016; Scheuer, 2016). Em muitas cidades, estes espaços estão submetidos a interesses diversos e particulares. Se o objetivo for alcançar um ambiente qualificado e saudável, é necessário que estes espaços tenham mais de um uso e diferentes finalidades, com uma abordagem integrada e coordenada, com sobreposição de funções, relacionadas à atividade humana e ao ambiente físico. Para alcançar um ambiente urbano saudável é necessário

reconhecer essas funções e as várias organizações envolvidas devem trabalhar em harmonia. Estes espaços abertos exigem uma estratégia coerente entre as organizações, para que desempenhem um papel fundamental na proteção e promoção da saúde da população.

Figura 1: Mapa de Parques e Áreas Verdes de Curitiba/PR, indicação dos locais de entrevista.



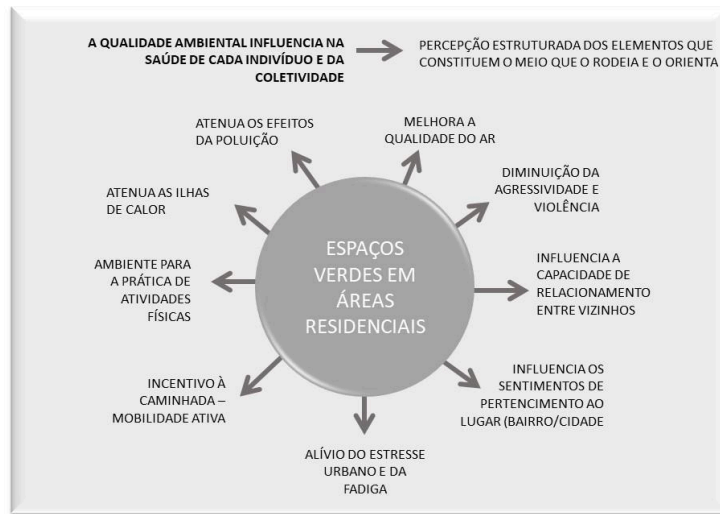
Fonte: Elaboração própria.

Existem muitas maneiras pelas quais as pessoas podem relaxar em contato com os elementos da natureza em espaços verdes, seja por meio de atividades de lazer, sociais, culturais ou prática de exercícios físicos (Santana *et al*, 2007). A importância da qualidade ambiental dos espaços verdes urbanos para o bem-estar, para a saúde e a longevidade – auto percebida – é representada pela proximidade dos espaços verdes às áreas residenciais (Figura 2).

A relação entre os espaços verdes e a prática de atividades físicas, como influência ambiental na saúde é pouco quantificada, considerando-se as diversas tipologias e formas que a infraestrutura verde urbana pode assumir. Este tema emerge com a contribuição das ciências do desporto e do exercício físico, mas também da geografia, urbanismo e epidemiologia, já que está associada ao bem-estar, à qualidade de vida e à saúde das populações. Se uma intervenção se dirige apenas para a infraestrutura, sem considerar os outros aspectos envolvidos a longo prazo ou, os seus usuários, as metas de impacto na saúde podem fracassar (Santana *et al*, 2007).



Figura 2: Impactos da presença de áreas verdes na proximidade de zonas residenciais



Fonte: Santana *et al*, 2007.

Para Ribeiro e Vargas (2014), o conceito de qualidade ambiental está intimamente relacionado a dois outros conceitos, o de qualidade de vida e o de ecossistema urbano. O ecossistema urbano é um sistema complexo, cujos elementos e funções se inter-relacionam, assim como nos ecossistemas naturais, um ecossistema urbano transforma energia e materiais em produtos, que são consumidos e exportados, como resíduos (Figura 3).

Figura 3: Funcionamento do Ecossistema Urbano



Fonte: Elaborado a partir de Ribeiro e Vargas, 2014.

Existe uma associação íntima entre o meio natural e o ambiente construído, no qual são impressas as marcas da criatividade humana e das inovações culturais, tendo estas a capacidade de humanizar o meio natural. Desta forma, o ecossistema urbano pode ser dividido em dois subsistemas: um físico e outro cultural. O conceito tem se desenvolvido a partir da década de 1960, caracterizando-se por uma forte presença da atividade humana, que, ao transformar o ambiente natural pela produção e consumo constantes, e pelo estabelecimento



de fluxos intensos, exige uma gestão ambiental que promova uma qualidade ambiental e qualidade de vida nas cidades. Como construções humanas, as cidades e suas particularidades históricas, socioeconômicas e culturais funcionam como ecossistemas complexos e humanizadores (Ribeiro e Vargas, 2014).

Se entendermos a cidade como um sistema, devemos considerar que os componentes que a formam – social, econômico, cultural e ambiental – se integram em benefício da cidadania e da qualidade de vida. Desta forma, a população, reunida e assentada como uma sociedade, buscaria satisfazer as necessidades para viver em conjunto, dispondo de bens e serviços que melhorem suas condições de vida, como resultado de uma relação harmônica do homem com seu entorno (Benavides, 2011).

[...] a natureza em si, eu acho que tem que ter muita natureza, tem que ser pouco lugar de asfalto, pouco asfalto e mais grama, mas terra, árvores, e tem que tem quadras também, áreas verdes, quadras equipadas[...] [E-02.01]

[...] porque a gente quer estar mais próximo da natureza, porque a gente está na cidade, então assim... é como um escape para a natureza, quanto mais árvores tenham, mais cuidado, mais limpo... [E-01.01]

[...] para poder melhorar a qualidade de vida e ter opções de lazer, e como eu falo, todo mundo tem lazer, uns gostam de correr, outros gostam de andar, outros gostam de skate, outros gostam de ir para restaurantes, outros querem ficar no shopping, então eu vejo Curitiba assim, é uma cidade boa, porque ela tem bastante disso [E-01.03]

A noção de uma paisagem urbana passa pelas discussões das relações entre ambiente natural e ambiente construído, e como o projeto de espaços livres pode contribuir para a qualificação do ambiente e da vida urbana. Essa arquitetura da paisagem é, nas palavras de Franco Panzini (2013, p. 14):

[...] a arte de intervir com elementos naturais, de remodelar os lugares para torná-los aproveitáveis e esteticamente agradáveis; em sentido amplo, compreende as atividades por meio das quais o ambiente, modificado e interpretado pelo homem, torna-se paisagem.

Panzini (2013), propõe, ainda, uma análise histórica de como o homem moldou o ambiente natural, por meio das principais conexões entre as diversas maneiras que a arquitetura da paisagem se expressou. As visões de mundo influenciam e condicionam as ideias de cidade de cada época e lugar, inclusive a forma como o homem lida com a natureza e a busca, mesmo quando a vida urbana se sobressai. Enquanto as visões de mundo se ocupam de concepções e ideais compartilhados por uma comunidade num local e tempo determinados, as visões de natureza se referem especificamente ao modo como a natureza é percebida por uma determinada sociedade, configurando-se como uma forma particular de ver o mundo (Araújo, 2006). Os conceitos e ideias de natureza no mundo ocidental representam características particulares de suas épocas, as quais determinaram as ações dos homens em relação a natureza, o Quadro 1 apresenta uma proposta de periodização desta relação.

Na Era Moderna, campo e cidade se separaram, a “natureza” entra em contraste com a cidade e a cidade passou a significar a intervenção humana. O meio ambiente parece não ser mais um parâmetro da existência humana, mas o seu oposto, a natureza completamente transfigurada pela intervenção humana. Entre tantos outros términos, a natureza também encontra o seu, em um sentido real, pela sua completa socialização, ou seja, o mundo natural cada vez mais marcado pela humanidade. Foi durante o século XIX, com a preocupação com a qualidade do ar nas cidades industriais europeias, que as áreas verdes assumiram um papel e uma função higiênica decisivos, construindo uma ideologia de “pulmões” do organismo urbano (Tacchi, 1990), conceito desmistificado no século seguinte (Jacobs, 2009). Foi na década de 1960 que os



parques passaram a ter um papel fundamental para a prática de atividades físicas e promoção da saúde, decorrência direta dos estudos desenvolvidos pelo médico cardiologista norte americano Kenneth H. Cooper, que mostrou os benefícios das atividades aeróbicas, especialmente da corrida, para a saúde humana.

Quadro 1: Periodização das ideias e conceitos de natureza para o mundo ocidental

MOMENTO	HISTÓRIA	PERÍODO	CONCEPÇÃO DA NATUREZA	REPRESENTAÇÃO DA NATUREZA	CULTURA	ASPECTO DOMINANTE DA RELAÇÃO HOMEM-NATUREZA
A Natureza e o Homem	Idade Antiga	Clássico	Mito	Literatura	Helênica	Contemplação
	Idade Média	Teológico	Divina	Bíblia	Teológica	Temor
O Homem e a Natureza	Idade Moderna	Descobrimentos	Físico-teológica e Mecânica	Pintura Xilogravura	Marítima-comercial Rural	
	Idade Contemporânea	Incorporação	Recurso	Fotografia Litogravura	Industrial	Incorporação
O Homem e o Território	Idade Contemporânea	Produção	Artifício	Imagem orbital	Urbana	Produção

Fonte: Henrique, 2009 e Hassler, 2006.

A partir de 1980 a preocupação ambiental aumentou, e com isso a problemática da natureza se intensificou nas discussões urbanas, com o aumento acelerado do processo de urbanização (Hassler, 2006). Com a atual valorização da natureza e sua reificação, esta torna-se parte de um projeto específico de valorização, sendo incorporada à vida social e ganhando uma abordagem mercadológica, que transforma a natureza, a qualidade ambiental e a qualidade de vida, a ela associadas, uma mercadoria nos mais variados segmentos de produção e serviços (Henrique, 2006; Guerra, 2013). O aumento do tempo livre, melhorando a qualidade de vida da população, dentre outros processos, difundiu e democratizou o acesso a recursos antes disponíveis para poucos. O verde urbano, como recurso econômico escasso, é pensado tradicionalmente para higiene e salubridade ambiental urbana, porém, essa relativa escassez pode ser suprida com um bom planejamento – mínimo de área verde regulamentada por legislação (Tacchi, 1990). Mas reiteramos, que para além de um mínimo necessário, é preciso pensar e planejar a qualidade desses espaços, sua localização, distribuição e acesso. Na fala que segue, a entrevistada percebe os espaços verdes como espaços mais democráticos.

Ah, eu me sinto super bem. Eu me sinto leve, livre, em contato com a natureza, fazendo algo que... uma coisa que eu sinto, assim, parece que nesses espaços há menos divisão de classe social, porque não é um lugar que você paga pra ir, então assim, parece um lugar mais da comunidade mesmo, das pessoas... [E-05.01]

Não obstante a consideração das funções gerais do verde urbano (Quadro 2), as necessidades de quantidade e qualidade deste verde dependem de características individuais dos usuários, como a idade, sua estrutura cultural, e os condicionantes socioespaciais (Figura 4).

As relações entre os conceitos de qualidade de vida e a questão ambiental são bem recentes. As discussões, fundamentalmente, se aprofundaram na década de 1980, quando estas temáticas passaram a se associar (Minayo, Hartz e Buss, 2000; Vitte, 2002; Nahas, 2015). Os signos desta relação se estabelecem quando os problemas trazidos com a degradação ambiental passam a se impor no cenário mundial, sendo aproximados gradativamente das discussões afeitas à qualidade de vida. A relação entre temas ambientais – contaminação atmosférica, ocupação espacial, escassez de áreas verdes, insalubridade, insegurança e

superlotação – com os estudos urbanos são considerados problemas de interesse público (Benavides, 2011).

Quadro 2: Funções urbanísticas do Verde Urbano

FUNÇÕES URBANÍSTICAS DO VERDE URBANO	
BARRAR O CRESCIMENTO URBANO	Ao estruturar-se como um cinturão verde, sobretudo em cidades do norte europeu – inglesas, holandesas e escandinavas – funcionam como um limitador do crescimento e espraiamento urbano desgovernado
CONTROLAR A DENSIDADE URBANA	A interposição de áreas verdes ou simplesmente áreas abertas ou livres com as edificações e o ambiente construído podem contribuir para a regulação de uma densidade urbana ótima ou desejável
CONSTITUIR ÁREAS DE RESERVA	Podem constituir-se como áreas de reserva para futuras expansões urbanas, orientando o crescimento futuro com aquisição de áreas rurais peri-urbanas, pelo governo
FORNECEDOR DE SERVIÇO PÚBLICO	Permitir o desenvolvimento de uma série de atividades recreativas e de tempo livre, uma das atividades mais reconhecidas pela tradição de necessidades e direitos cidadãos
FUNÇÃO HIGIÊNICA	Ao melhorar a qualidade ambiental, particularmente a qualidade do ar, com um papel decisivo na filtragem e troca gasosas

Fonte: Elaborado de a partir de Tacchi, 1990.

Figura 4: Variáveis determinantes para a qualidade e quantidade de verde urbano



Fonte: Elaborado a partir de Tacchi, 1990.

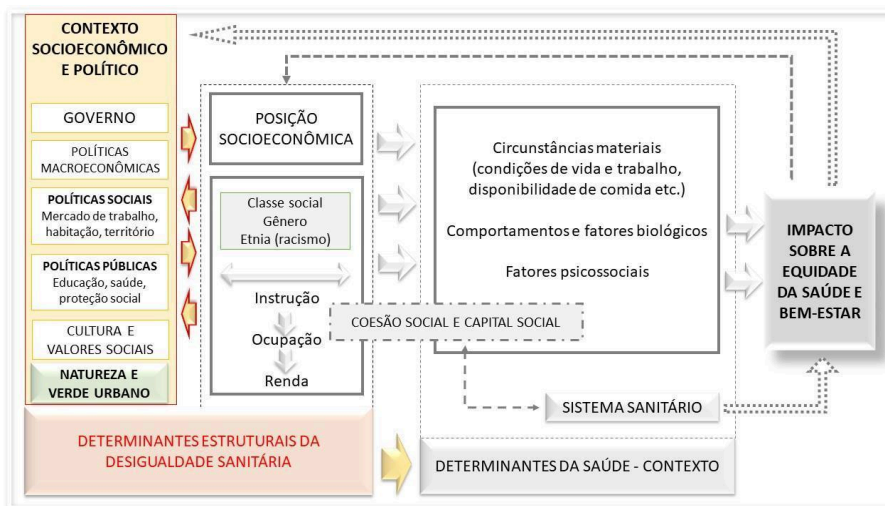
Em recente revisão sistemática sobre a relação entre o verde urbano e a qualidade do ar, Arantes, Mauad e Silva Filho (2019) concluíram que há uma tendência entre as pesquisas a demonstrarem que os problemas advindos da urbanização metropolitana, especialmente o aumento da poluição ambiental, em todo mundo, se relaciona com o aumento de doenças, impactando a saúde pública. Para Saldiva (2018), “a imobilidade urbana compromete significativamente a nossa qualidade de vida” (p. 68) e “[...] faz com que inalemos maiores quantidades de poluentes atmosféricos” (p. 70). Arantes (2017), observou em estudo na cidade de São Paulo, que a quantidade de verde urbano, no caso arborização urbana, se relacionou com a prevalência de neoplasias pulmonares (câncer), bem como o distanciamento da área central, com aumento na permanência em transporte e locomoção, respirando ar poluído aumentando a chance de adoecimento, o que corrobora os riscos do espraiamento urbano (Frumkin, Frank e Jackson, 2004; Saldiva, 2018). Os dados desses autores trazem evidências às percepções dos espaços verdes como importantes para a saúde humana.

Uma questão das áreas verdes, [...] é fundamental, no sentido assim, a área verde, a gente nem pode falar na questão do ar, não é isso, não é qualidade do ar, qualidade da água, a gente está falando de qualidade de vida e a área verde... [...] A contemplação, ela promove isso, então as áreas verdes, elas têm o poder de fazer com que aquele cidadão que está lá andando, de uma forma ou de outra, ele se conecte, e daí é uma concepção que eu tenho de vida, se conecte com a natureza, se conecte às suas raízes, e busque resgatar algumas coisas que foram perdidas durante esse desenvolvimento da humanidade. [E-02.03]

Pensar um ecossistema urbano saudável e que promova a saúde e qualidade de vida é entender que este deve estar livre de sofrimento e degradação, além de ser autônomo ao longo do tempo, considerando fatores ecológicos, sociais, econômicos e políticos, em uma abordagem interdisciplinar. O planejamento e gerenciamento territoriais devem enfrentar a questão da infraestrutura verde como integrada à cidade. O conceito de infraestrutura verde enfatiza a qualidade e a quantidade de espaços verdes urbanos e periurbanos, e seu papel multifuncional para o desenvolvimento urbano e qualidade de vida (Arantes, Mauad e Silva Filho, 2019; Herzog e Rosa, 2010; Gallo e Guaraldo, 2017; Vittadini, 2015). A noção de saúde do ecossistema como uma estrutura organizada para proteger e sustentar a qualidade ambiental e o bem-estar humano é defendida por alguns autores, desde que aberta às inter relações dinâmicas que neste ocorrem (Lu e Li, 2003; Tzoulas *et al*, 2007).

As condições de saúde e qualidade de vida de uma população são em grande parte influenciadas por uma combinação formada pela predisposição genética, as ações e escolhas individuais ou coletivas e uma vasta gama de fatores sociais e ambientais, conhecidos como determinantes sociais da saúde (Lauria e Morgante, 2015). A natureza urbana e sua disponibilidade e acesso entram neste grupo de determinantes (Figura 5).

Figura 5: Fatores concorrentes para a determinação dos níveis de saúde, que explicam as desigualdades e iniquidades sanitárias



Fonte: Adaptado de Lauria e Morgante, 2015.

Knobel, Dadvand e Maneja-Zaragoza (2019), realizaram uma revisão sistemática onde verificaram um crescente número de instrumentos para avaliação multidimensional da qualidade dos espaços verdes urbanos. Embora as dimensões (Quadro 3) variem de ferramenta para ferramenta, algumas destas se fazem sempre presentes e outras ainda são subdimensionadas (Figura 6). Para os autores, existem ferramentas confiáveis e valiosas para que os planejadores e gestores urbanos avaliem e melhorem a qualidade ambiental destes espaços, tendo como preocupação a saúde e o bem-estar de seus cidadãos.

Quadro 3: Dimensões dos espaços verdes urbanos que influenciam na sua qualidade ambiental

Dimensões das áreas verdes urbanas	Descrição
Arredores	Inclusão de elementos relativos à área circundante e não apenas aos espaços verdes urbanos (exemplos: a rua circundante, a estética dos edifícios vizinhos etc.)
Acessibilidade	Inclusão de elementos sobre a acessibilidade dos sítios em um sentido amplo (exemplos: indicadores sobre entradas dos espaços verdes urbanos, trilhas de caminhada ou ciclismo etc.)
Instalações	Recursos de espaços verdes que permitem a realização de uma atividade específica (exemplos: presença de playgrounds ou academias ao ar livre)
Serviços	Recursos de espaços verdes que tornam os espaços verdes urbanos mais confortáveis, convenientes ou agradáveis (exemplos: presença de bicicletários, bancos etc.)
Estética e atração	Elementos referentes à beleza ou atratividade dos espaços verdes urbanos (exemplos: presença de arte pública, pontos de vista etc.)
Incivilidades	Presença de elementos que tornam os espaços verdes urbanos menos agradáveis (exemplos: ruído excessivo, vandalismo etc.)
Segurança	Presença de elementos ou características que tornam os espaços verdes urbanos mais seguros (exemplos: presença de câmeras de segurança, visibilidade das ruas etc.)
Uso/atividades	Adequação a diferentes atividades (exemplo: podem ser adequados para relaxar ou caminhar)
Coberturas	Medidas de cobertura do solo (exemplos: áreas cinzas, áreas verdes, permeáveis e impermeáveis)
Políticas	Avaliação das políticas das áreas verdes (exemplos: proibição de cães ou jogos de bola)
Biodiversidade animal	Medidas de diversidade animal (exemplo: presença de pássaros ou fauna silvestre)
Biodiversidade vegetal	Medidas de diversidade vegetal (exemplo: presença de espécies nativas ou exóticas)

Fonte: Knobel, Dadvand e Maneja-Zaragoza, 2019.

Figura 6: Dimensões da qualidade ambiental dos espaços naturais urbanos, de acordo com instrumentos de avaliação e gestão ambiental



Fonte: Elaborado a partir de Knobel, Dadvand e Maneja-Zaragoza, 2019.

A presença ou ausência de áreas verdes e espaços livres, ou seja, da natureza na cidade, é um forte indicador de melhor ou pior qualidade de vida urbana, e essa também apresenta dimensões objetivas e subjetivas. A retirada progressiva da paisagem natural, em consequência do crescimento urbano, provoca alterações nos ambientes naturais e construídos, especialmente mudanças nos microclimas, topoclimas e mesoclimas. As diferenças de



temperatura, qualidade do ar, radiação solar e dos regimes de precipitação entre territórios urbanos e rurais, são aspectos objetivos que influem também na percepção e no conforto ambiental, trazendo bem-estar físico e mental, e consequentemente mais qualidade de vida (Arantes, Mauad e Silva Filho, 2019; Nowak *et al*, 2018). Aos benefícios psicológicos e fisiológico para o ecossistema urbano (Chen, Xu e Gao, 2015; Jim e Chen, 2009), agregam-se os benefícios indiretos, do aumento da prática de atividade física e atividades recreativas nestes espaços (Bernath e Roschewitz, 2008; Hillsdon *et al*, 2006; Lauria e Morgante, 2015).

Neste contexto, as áreas verdes, além de atribuírem melhorias ao meio ambiente e ao equilíbrio ambiental, contribuem para a qualidade de vida urbana devido ao desenvolvimento social que traz benefícios ao bem-estar e à saúde física e psíquica da população. Proporcionam, assim, condições de [re]aproximação do homem à natureza, dispendo de condições estruturais que favoreçam a prática de atividades físicas e recreativas. Se dotadas de infraestrutura adequada, qualidade ambiental, segurança, dentre outros fatores positivos, podem ser áreas atrativas à população, impactando positivamente a qualidade de vida (Londe e Mendes, 2014). Diversas percepções relacionam a prática de atividade física nos parques e áreas verdes como um benefício para a qualidade de vida.

Para ter qualidade de vida precisa de muita coisa ainda. [espaços verdes] também, também, porque a pessoa vem aqui para fazer sua caminhada, às vezes a pessoa não tem um acesso a uma academia, mas pode vir aqui, caminhar, ter qualidade de vida. [E-01.02]

Eu acho que está muito relacionado com qualidade de vida, física e mental, porque são espaços pra exercitar o corpo, de diversas maneiras... [E-05.01]

Para poder melhorar a qualidade de vida e ter opções de lazer, e como eu falo, todo mundo tem lazer, uns gostam de correr, outros gostam de andar, outros gostam de skate... [E-01.03]

É muito bom, aumenta a qualidade de vida, sai, respira um ar livre, faz uma atividade física, pega um solzinho, convive com a família, a família anda de bicicleta... [E-01.05]

Segundo Santana *et al* (2007), o estudo dos planejadores urbanos nas cidades participantes da Rede Europeia de Cidades Saudáveis mostra que a acessibilidade aos espaços verdes varia de país para país. Em Bruxelas, Copenhague e Glasgow, 100% dos residentes podem acessar o espaço verde em 15 minutos, enquanto em outras cidades esse percentual é muito menor: por exemplo, em Bratislava e Kiev, apenas 47% dos residentes podem fazer o mesmo. Infelizmente, na realidade brasileira o acesso às áreas verdes ainda não é percebido como tão próximo e acessível a todos.

Pra mim sim, eu moro próximo de um parque, e o acesso a outros parques também é fácil por automóvel, mas eu entendo que existem poucos parques na cidade, que eles não estão nas periferias, eles não atendem toda a população, a gente percebe a carência de espaços públicos aqui quando a gente vê a movimentação nos fins de semana, a quantidade de gente que tem, as pessoas vão mesmo, e elas fazem viagens para chegar no parque, porque não tem próximo da casa de todo mundo. Então, eu acredito que assim, os parques que existem, eles estão bem localizados, mas faltam parques nas periferias, faltam mais parques, deveriam ter muito mais, com relação ao tamanho da cidade, à quantidade de habitantes. [E-04.01]

[...] principalmente da questão de você ter os bosques e os parques tão próximos do centro, tão perto da gente, eu acho maravilhoso, da gente não ter que precisar pegar um carro para ir caminhar em algum lugar, a gente já pode sair de casa caminhando, para mim é tudo... [...] você tem que pegar um carro para ir para lá e depois caminhar, e aqui não, aqui você já sai caminhando, porque é muito pertinho, e se você mora em outro lugar tem um outro bosque, tem uma outra trilha muito pertinho, na cidade mesmo... [E-08.01]

A política de espaços verdes deve ter como objetivo a criação de uma rede verde urbana acessível a todos os habitantes, podendo ser organizada em torno de áreas arborizadas e de



corpos hídricos, a fim de permitir que a cidade respire. Isso deve ser complementado por uma rede de praças e outras instalações externas em toda a cidade, criando um sistema de espaços livres (Tardin, 2008; Macedo *et al*, 2009). É importante ressaltar que as funções de saúde, bem-estar e qualidade de vida se sobrepõem às de gestão da água, redução da poluição, mudanças climáticas, relaxamento, produção urbana de alimentos e combustíveis, captura de CO2 e de suporte à biodiversidade/habitats de espécies animais (Barton e Tsourou, 2004).

A qualidade ambiental urbana e seus diversos componentes, físicos e culturais, se revelam pouco a pouco, conforme se percorrem as ruas e lugares, e se exploram suas paisagens e espaços (Cullen, 2009). Em algumas observações dos entrevistados percebemos um descontentamento com os caminhos diários na cidade, uma vez que os espaços não são atrativos por prescindir de uma qualidade ambiental.

[...] se eu vou fazer uma tarefa normal, ir ao supermercado, o meu caminho não é de contemplação, nem nada disso... na verdade eu vou, o mais rápido possível e volto, porque não tem muito prazer nesse caminho! Eu já estou divagando... [E-06.03]

As dimensões sociais e históricas presentes em sua morfologia representam uma experiência da urbanidade que se revela cheia de vida e qualidade (Del Rio, 2016). A rua, a praça, o logradouro, funcionam de modos diversos nas diferentes horas do dia, nos dias da semana e nas diferentes épocas do ano. Dentro da cidade também ocorre uma diferenciação da paisagem conforme a divisão territorial do trabalho, com paisagens funcionalmente distintas. Nas falas a seguir, podemos verificar a ligação das pessoas com o espaço verde e a importância que este tem para os sujeitos.

A questão da área verde também, eu gosto muito de estar num local onde tem uma graminha, uma arvorezinha, um laguinho, eu me sinto muito bem, eu me sinto, parece que as energias renovadas, sai daquele estresse do dia a dia, de trânsito, de trabalho, isso me faz bem! [E-05.01]


Eu acho que o contato com a natureza é muito importante, pra mim sempre foi muito basilar isso de estar perto, de ver, de conviver e poder se sentir integrado com isso [...] eu acho que transforma a forma como você vive a sua vida, te traz uma paz e uma tranquilidade muito maior. [E-08.03]

[...] porque a gente mora numa cidade, trazer essa paz aí da natureza, realmente para dentro da cidade, para se sentir mais conectado, porque hoje cada vez mais é mais difícil você ir ao encontro de uma área verde. [E-06.01]

Como obra, a cidade é uma construção no espaço, em grande escala, e que só pode ser percebida no decorrer de longos períodos de tempo (Rossi, 2001). Nada é vivenciado em si mesmo, mas sempre em relação ao seu entorno, a cada instante há mais do que os olhos podem ver, mais do que os ouvidos podem perceber, sempre há um cenário, uma paisagem, a ser explorado. A legibilidade da cidade indica a facilidade com que suas partes podem ser reconhecidas e organizadas num modelo coerente (Lynch, 1997). Para o autor, um ambiente característico e legível oferece segurança e reforça a profundidade e a intensidade das experiências humanas no espaço urbano. Uma vez que o desenvolvimento da imagem é um processo interativo (objeto – observador) é possível reforçar uma imagem, tanto por meio de artifícios simbólicos e do reaprendizado de quem a percebe, como por meio da reformulação de seu entorno.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As mudanças de significado das áreas verdes urbanas e suas implicações para o urbanismo e o planejamento territorial e ambiental têm aumentado a importância do projeto e planejamento



do verde urbano. Aumenta-se a exigência de uma maior articulação entre os diversos sistemas urbanos, a infraestrutura verde e azul e a participação da população, envolvendo-se em todo processo. Consequentemente, podemos perceber mudanças estruturais no significado de cidade e sua relação com a natureza, em sentido de um entendimento sistêmico e integrado. Surge uma pluralidade de atores para essas discussões, constituindo-se uma ampla rede de recursos e experiências para se pensar o verde urbano. Tanto na literatura quanto nas representações e percepções encontradas no estudo empírico, a presença de áreas verdes, sua qualidade ambiental, distribuição e acessibilidade (proximidade) são fundamentais para a vida urbana, sua vitalidade e saúde. A vida contemporânea, com todos seus desafios, pode ser impactada positivamente com o planejamento adequado da paisagem urbana, sendo estes mais democráticos e humanizadores. O planejamento urbano, integrado e integral, deve considerar a noção de paisagem visando a constituição coletiva de um ecossistema mais saudável, considerando a infraestrutura verde como organizadora e qualificadora do espaço. Esta abordagem deve ser, necessariamente, multidimensional, participativa e humanizadora.

REFERÊNCIAS

- ARANTES, B. L. **Arborização urbana e qualidade do ar na cidade de São Paulo**. 2017. Dissertação (Mestrado em Recursos Florestais) – Universidade de São Paulo, Piracicaba, 2017.
- ARANTES, B. L.; MAUAD, T.; SILVA FILHO, D. F. Urban forests, air quality and health: a systematic review. **International Forestry Review**, United Kingdom, v. 21, n. 2, p. 167-181, 2019.
- ARAÚJO, R. M. **Natureza na cidade**: reflexos de visões de natureza sobre modelos urbanos. 2006. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de Brasília, Brasília, 2006.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BARTON, Hugh. TSOUROU, C. **Urbanisme et santé**: um guide de l'OMS pour un urbanisme centré sur les habitants. Châteaubourg: Bureau Régional pour l'Europe de l'Organisation Mondiale de la Santé, 2004.
- BENAVIDES, A. R. Calidad de vida, calidad ambiental y sustentabilidad como conceptos urbanos complementarios. **Fermentum**, Mérida, ano 21, n. 61, p. 176-207, 2011.
- BERNATH, K.; ROSCHEWITZ, A. Recreational benefits or urban forests: explaining visitors' willingness to pay in the context of the theory of planned behavior. **Journal of Environmental Management**, v. 89, p. 155-166, 2008.
- BOLLA, D.; VITTADINI, M. R. Gli spazi verdi e la normativa urbanistica: standard e progetto. In: VITTADINI, M. R.; BOLLA, D.; BARP, A. **Spazi verdi da vivere**: il verde fa bene alla salute. Venezia: Università Iuav di Venezia: il prato, 2015.
- CHEN, Z.; XU, B.; GAO, B. Assessing visual green effects of individual urban trees using airborne Lidar data. **Science of the Total Environment**, v. 536, p. 232-244, 2015.
- CULLEN, G. **Paisagem Urbana**. Lisboa: Edições 70, 2009.
- DEL RIO, V. Perambulando pelo centro histórico de Lisboa: urbanidade, o flâneur e as qualidades visuais da cidade. In: RHEINGANTZ, P. A.; PEDRO, R. M. L. R.; SZAPIRO, A. M. (org.). **Qualidade do lugar e cultura contemporânea**: modos de ser e habitar as cidades. Porto Alegre: Sulina, 2016.
- FRUMKIN, H.; FRANK, L.; JACKSON, R. **Urban sprawl and public health**: designing, planning, and building for healthy communities. Washington: Island Press, 2004.
- GALLO, D.; GUARALDO, E. Arborização urbana como infraestrutura na constituição de uma cidade com qualidade de vida: potencialidades em Campo Grande/MS. **Revista Nacional de Gerenciamento de Cidades**, Tupã, v. 5, n. 31, p. 78-89, 2017.



- GUERRA, M. F. **Vende-se qualidade de vida**: Alphaville Barueri – implantação e consolidação de uma cidade privada. 2013. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- HASSLER, M. L. **A natureza na cidade**: uma abordagem a partir da percepção da população acerca do Jardim Botânico de Curitiba-PR. 2006. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006.
- HENRIQUE, W. A cidade e a natureza: a apropriação, a valorização e a sofisticação da natureza nos empreendimentos imobiliários de alto padrão em São Paulo. **GEOUSP – Espaço e Tempo**, São Paulo, n. 20, p. 66-77, 2006.
- HERZOG, C. P.; ROSA, L. Z. Infraestrutura verde: sustentabilidade e resiliência para a paisagem urbana. **Revista LABVERDE**, São Paulo, n. 1, p. 92-115, 2010.
- HILLSDON, M.; PANTER, J.; FOSTER, C.; JONES, A. The relationship between access and quality of urban green space with population physical activity. **Public Health**, United Kingdom, n. 120, p. 1127-1132, 2006.
- JACOBS, J. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes. 2009.
- JIM, C. Y.; CHEN, W. Y. Ecosystem services and valuation of urban forests in China. **Cities**, Washington, n. 26, p. 187-194, 2009.
- KNOBEL P.; DADVAND, P.; MANEJA-ZARAGOZA, R. A systematic review of multi-dimensional quality assessment tools for urban green spaces. **Health and Place**, United Kingdom, v. 59, s/p, 2019.
- KOKKINOS, P. Physical activity, health benefits, and mortality risk. **ISRN Cardiology**, n. 718789, 2012.
- LARSON, L. R.; JENNINGS, V.; CLOUTIER, S. A. Public parks and wellbeing in urban areas of the United States. **PLoS One**, United States, v. 11, n. 4, 2016.
- LAURIA, A.; MORGANTE, S. Verde e salute. In: VITTADINI, M. R.; BOLLA, D.; BARP, A. **Spazi verdi da vivere**: il verde fa bene alla salute. Venezia: Università luav di Venezia: il prato, 2015.
- LIMA, D. F.; LEVY, R. B.; LUIZ, O. C. Recomendações para atividade física e saúde: consensos, controvérsias e ambiguidades. **Revista Panamericana de Salud Pública**, Washington, v. 36, n. 3, p. 164-170, 2014.
- LONDE, P. R.; MENDES, P. C. A influência das áreas verdes na qualidade de vida urbana. **HYGEA – Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde**, Uberlândia, v. 10, n. 18, p. 264-272, 2014.
- LU, F.; LI, Z. A model of ecosystem health and its application. **Ecological Modeling**. Amsterdam, v. 170, n.1, p. 55-59, 2003.
- LYNCH, K. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- MAAS, J.; VERHEIJ, R. A.; VRIES, S.; SPREEUWENBERG, P.; SHELLEVIS, F. G.; GROENEWEGEN, P. P. Morbidity is related to a green living environment. **Journal of Epidemiology and Community Health**, United Kingdom, v. 63, n. 12, p. 967-973, 2009.
- MACEDO, S. S.; *et al.* Considerações preliminares sobre o sistema de espaços livres e a constituição da esfera pública no Brasil. In: TÂNGARI, V. R.; ANDRADE, R.; SCHLEE, M. B. (orgs.). **Sistema de espaços livres**: o cotidiano, apropriações e ausências. Rio de Janeiro: FAU/UFRJ/PROARQ, 2009.
- MINAYO, M. C. S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2002.
- MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec, 2004.
- MINAYO, M. C. S.; HARTZ, Z. M. A.; BUSS, P. M. Qualidade de vida e saúde: um debate necessário. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 7-18, 2000.



NAHAS, M. I. P. (org.). **Qualidade de vida urbana: abordagens, indicadores e experiências internacionais**. Belo Horizonte: C/Arte, 2015.

NOWAK, David J.; HIRABAYASHI, Satoshi; DOYLE, Marlene; MCGOVERN, Mark; PASHER, Jon. Air pollution removal by urban forests in Canada and its effect on air quality and human health. **Urban Forestry & Urban Greening**, Netherlands, v. 29, p. 40-48, 2018.

PADOVANI, L.; CATTAPAN, N. Partecipazione e coinvolgimento dei cittadini nella progettazione e gestione del verde urbano. In: VITTADINI, M. R.; BOLLA, D.; BARP, A. **Spazi verdi da vivere: il verde fa bene alla salute**. Venezia: Università Iuav di Venezia: il prato, 2015.

PANZINI, F. **Projetar a natureza: arquitetura da paisagem e dos jardins desde as origens até a época contemporânea**. São Paulo: Editora Senac, 2013.

RIBEIRO, H.; VARGAS, H. C. Qualidade Ambiental Urbana: ensaio de uma definição. In: VARGAS, H. C.; RIBEIRO, H. (org.). **Novos instrumentos de gestão ambiental urbana**. São Paulo: Edusp, 2014.

ROSSI, A. **A arquitetura da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SALDIVA, P. **Vida urbana e saúde: os desafios dos habitantes das metrópoles**. São Paulo: Contexto, 2018.

SANTANA, P.; NOGUEIRA, H.; SANTOS, R.; COSTA, C. Avaliação da qualidade ambiental dos espaços verdes urbanos no bem-estar e na saúde. In: SANTANA, Paula. **A cidade e a saúde**. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2007.

SCHEUER, J. M. Planejamento urbano, áreas verdes e qualidade de vida. **Revista Meio Ambiente e Sustentabilidade**, Curitiba, v. 11, n. 5, p. 59-73, 2016.

TACCHI, E. M. **Dentro le isole verdi: una ricerca sociologica sul parchi urbani**. Milano: FrancoAngeli, 1990.

TAKANO, T.; NAKAMURA, K.; WATANABE, M. Urban residential environments and senior citizens' longevity in megacity areas: the importance of walkable green spaces. **Journal of Epidemiology and Community Health**, v. 56, p. 913-918, 2002.

TARDIN, R. **Espaços livres: sistema e projeto territorial**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

TZOULAS, K.; KORPELA, K.; VENN, S. YLI-PELKONEN, V.; KAZMIERCZAK, A.; NIEMELA, J.; JAMES, P. Promoting ecosystem and human health in urban areas using green infrastructure: a literature review. **Landscape and Urban Planning**, Netherlands, v. 81, n.3, p. 167-178, 2007.

VITTADINI, M. R. Green infrastructure: strategie multiscopo per il verde urbano. In: VITTADINI, M. R.; BOLLA, D.; BARP, A. **Spazi verdi da vivere: il verde fa bene alla salute**. Venezia: Università Iuav di Venezia: il prato, 2015.

VITTE, C. C. S.; JANNUZZI, P. M.; KEINERT, R. C. K.; KEINERT, T. M. M. Novas abordagens de desenvolvimento e sua inserção na gestão de cidades. In: KEINERT, T.; KARRUZ, A. P. **Qualidade de vida: observatórios, experiências e metodologias**. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2002.

WARBURTON, D. E. R.; BREDIN, S. S. D. Health benefits of physical activity: a systematic review of current systematic reviews. **Current Opinion in Cardiology**, United States, v. 32, n. 5, p. 541-556, 2017.

WHO, World Health Organization. **A healthy city is an active city: a physical activity planning guide**. Copenhagen: WHO, 2008.